

Arrependida, a civilização procura o índio na selva

“Que porcaria, um homem na minha idade querendo estragar a vida desse povo. Eu não sei o que estou fazendo aqui, isto não é direito. Que pena ter que mexer com essa gente”.

Acostumado com a Amazonia há mais de 20 anos, o piloto Custódio Neto Junior disse um palavrão ao sobrevolar pela primeira vez a aldeia dos crem-arcore. A arrumação das ocas cobertas de folhas de bananeira, os índios correndo no pateo central, foram o suficiente para emocioná-lo. Ao seu lado, o sertanista Claudio Villas Boas não ouviu o comentário: estava fazendo sinais com a mão sem se dar conta de que o avião voava muito alto. Parecia nunca ter visto um índio pela frente.

De volta ao posto da FAB na serra do Cachimbo o piloto tornou a se lamentar. O sertanista respondeu num tom cansado e sem dar importância a frase, como alguém que fala de algo já muito repetido. “Se não formos nós, virão outros... então tudo será pior”. Não houve mais perguntas.

No dia seguinte Custódio levou os dois irmãos sertanistas até o acampamento nas margens do Peixoto de Azevedo. Três dias depois começava a etapa decisiva da procura do encontro com os índios gigantes, 70 quilômetros rio abaixo, rumo norte. Completava sete meses que os Villas Boas tinham iniciado o serviço e eles ainda precisavam saber o nome daquela tribo.

“Crem-arcore” é, por assim dizer, simplesmente um apelido dos índios gigantes. É como eles são chamados por um grupo pacificado, os txucarramães ou caiapós, na realidade os únicos que já viram um deles de perto. Foram os caiapós que contaram da elevada estatura desses índios e foram eles que, tempos atrás, mostraram aos Villas Boas o crem-arcore de 2,05 metros que fora raptado quando criança. As duas tribos sempre viveram em briga, mas ultimamente a luta tem sido desigual. Agora o caiapó combate o machado de pedra do crem-arcore com o facão de aço que ganhou do civilizado.

Foram também os txucarramães os primeiros a revelar a localização exata das terras dos crem-arcore, inicialmente nas desconhecidas cabeceiras do Iriri e depois no vale do Peixoto de Azevedo. Dentro de alguns anos criadores de gado do Pará e Mato Grosso estarão pescando nos rios nas manchas que os caminhões trarão do sul pela Cuiabá-Santarem. Hoje a estrada é ainda uma estreita picada de topografia acidentada e 400 índios bravos moram no caminho, atrapalhando a passagem.

Os Villas Boas foram para persuadi-los a sair, usando de bons modos. Todavia antes terão de convencê-los a aceitar algo que seus avós não imaginaram e que seus pajés nunca previram: que muito além dos bichos e do mato existiam outros homens. E a especialidade dos sertanistas e as vezes pensam até em premiá-los por isso.

OS EMBAIXADORES

Os Villas Boas e os 28 índios que os acompanham na expedição formam a embaixada oficial que a civilização escolheu para representá-la. Eles personalizam o lado bom da nossa sociedade. Invadindo terras alheias, a civilização designa dois homens com experiência em diálogos impossíveis para transmitir aos seus habitantes uma nova verdade. Uma realidade diferente e a qual eles terão que forçosamente se adaptar. A realidade da convivência com a estrada, os pmvoados urbanos, os fazendeiros, os caçadores de diamante e os colecionadores de pelo de onça.

Ainda assim, é uma sorte e, por certo, a maioria dos índios hoje pacificados não desfrutam desta oportunidade. Há 500 anos eles eram em cinco milhões e hoje não passam de 100 mil. A perda de um milhão de índios por século é uma comprovação. É a prova de que outros também se julgaram ou ainda se julgam no direito de embaixadores e, por iniciativa própria, levaram presentes diferentes — a surpresa, a gripe e a exploração. A morte é a devastação.

OMEDO

Os crem-arcore já conhecem o branco e por isso fogem. Seus encontros anteriores foram desastrosos. Em 1961, um jovem pesquisador inglês, de nome Richard Mason, tentou com um pequeno grupo fazer o levantamento do Iriri — tido como o maior rio desconhecido do mundo. Morreu a golpes de Borduna, pois naquela época só o crem-arcore sabia do Iriri. Foi a primeira vez que eles apareceram nos jornais. A segunda, em 1967, foi quando estiveram na serra do Cachimbo. Era de noite, o pessoal da FAB se assustou e pediu socorro. Um C-47 foi enviado de Belem com reforços. No caminho o rádio quebrou e o aparelho caiu ao acabar a gasolina. 20 pessoas morreram sem que os crem-arcore tenham lançado uma única flecha. Era o medo do desconhecido. Hoje os aparelhos da FAB só voam sobre a Amazonia durante o dia.

No início da expedição, quando os Villas Boas ainda acompanhavam a turma de topógrafos de Cuiabá-Santarem, um trabalhador contratado pelo Exército atemorizou-se frente a um grupo de índios e atirou contra eles. Foi flexado de raspão no tórax. As marcas de sangue encontradas no local indicaram que os índios também foram feridos.

A reação e a fuga são expressões diferentes de um mesmo sentimento: medo. Um ano depois do acidente do avião da FAB, os Villas Boas fizeram a primeira expedição para a pacificação dos crem-arcore. Passaram quase um ano na selva e no fim tiveram que desistir por falta de apoio aéreo. Foi todo um trabalho perdido. Os índios evitaram qualquer contato: fugiam quando os sertanistas chegavam nas aldeias, escondendo-se na mata. A melhor coisa conseguida foi o vislumbre de tres índios na beira de um rio,

a 600 metros de distância... A cena foi registrada num filme posteriormente exibido pela televisão inglesa. O presidente da República recebeu uma cópia do documentário e o entregou aos Villas Boas.

A FUGA

No início deste ano os crem-arcore moravam divididos em duas aldeias. Uma pequena, com tamanho para abrigar uns 70 índios, distante cerca de 15 quilômetros do ponto onde a Cuiabá-Santarem cruzará o Peixoto de Azevedo. A outra, maior, a 70 quilômetros ao norte, seguindo o curso do rio. Quando a coluna da expedição alcançou a aldeia pequena, os índios já tinham abandonado. Seus moradores fugiram com a aproximação dos civilizados. Duas hipóteses foram levantadas: ou se refugiaram na mata ou transferiram-se para a aldeia maior.

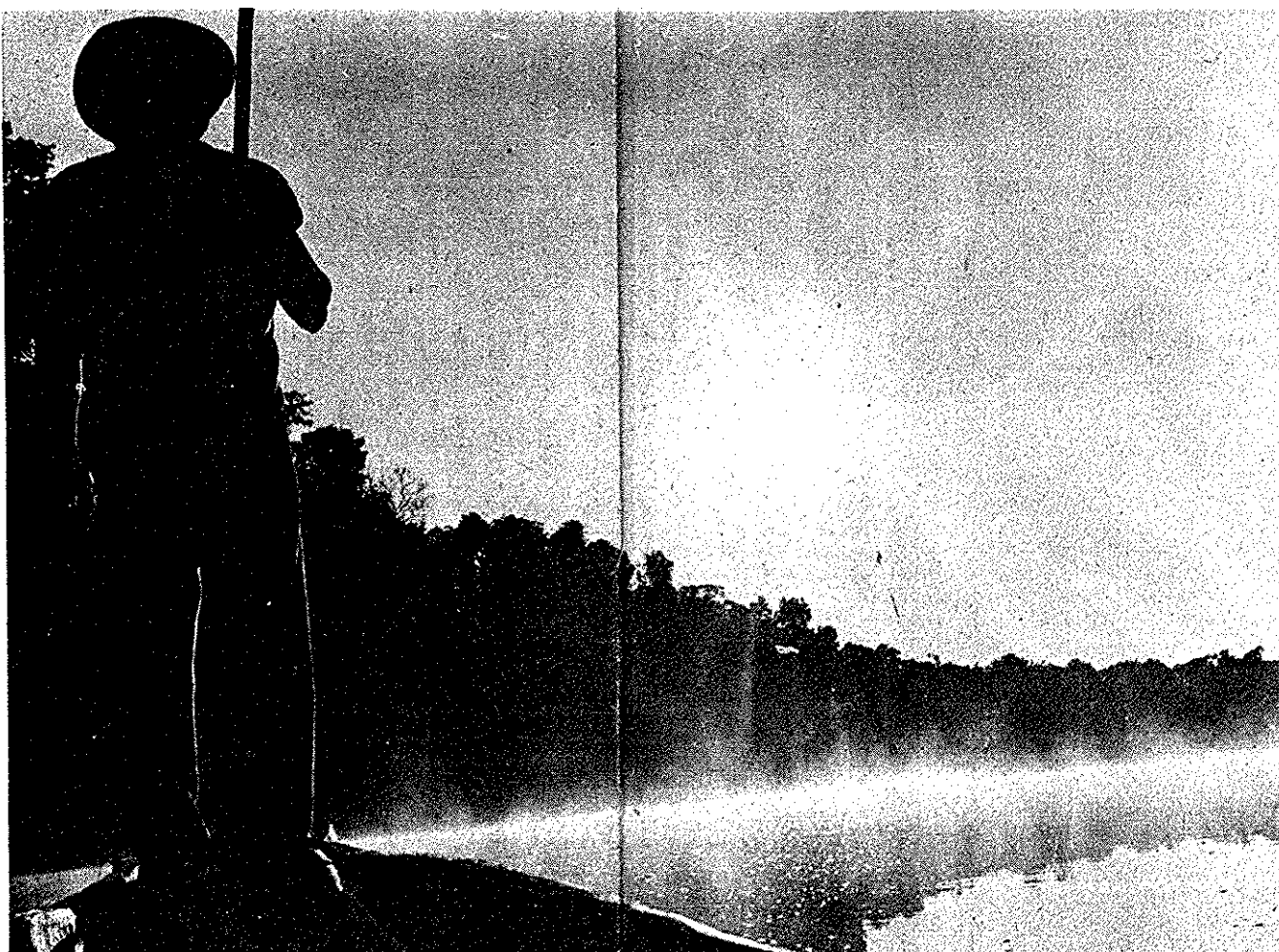
O reconhecimento aéreo desta outra aldeia revelou a presença de índios. Um teco-teco da FAB, num de seus voos sobre a aldeia, foi flexado pelos índios e retornou a base de Cachimbo com a ponta da flexa presa no motor. O pessoal da FAB a guardou e a mantém em exposição na sala de controle de voo.

A PACIENCIA

A aproximação com um grupo de índios hostis obedece certas técnicas pre-estabelecidas. E antes de tudo um trabalho de paciência. Ao atingir o ponto do rio mais próximo à aldeia maior, o acampamento da expedição foi armado nas margens de um lago, do lado oposto ao da aldeia. Trata-se de uma precaução necessária para evitar qualquer surpresa. Duas coisas foram então feitas. A primeira foi a colocação de presentes — facões e panelas de alumínio — nas trilhas dos índios. Já ouve quem dissesse que os presentes são o opio da civilização, que criam necessidades em quem os recebe. Pode-se imaginar o progresso que o facão e o machado representam para o índio, acostumado a abrir a mata com pau e pedra. O aço transforma o aspecto das roças e a aldeia passa a viver com mais fartura.

Em seguida, o acampamento foi limpo o suficiente para poder ser observado a distância, sem dificuldades. A confiança almejada não admite segredos. Terminado isso não há mais o que fazer. O restante segue em compasso de espera, com calma, na certeza de que os índios de verdade aparecer cedo ou tarde. A 10 quilômetros da aldeia os crem-arcore não tem outra saída. Eles precisam dos presentes e não podem fugir — hoje já não é tão fácil um lugar para se esconder na amazonia.

Mas enquanto eles não aparecem, uma pergunta permanece — serão mesmo gigantes? Quem conhece o Brasil central talvez não duvide. O interior desse país só poderia abrigar gigantes. Os crem-arcore já estavam lá quando Cabral aportou na Bahia.



A viagem recomeçava sempre ao nascer do sol. Na proa, o índio aponta o caminho da canoa, evitando as pedras.

Esta matéria escrita por Luiz C. Aiex Alves relata uma fase da expedição que os irmãos Villas Boas organizaram para tentar pacificar os chamados índios gigantes crem-arcore — um dos últimos grupos humanos que ainda vive na idade da pedra. O reporter acompanhou a expedição quando ela desceu o rio Peixoto de Azevedo, no extremo norte do Mato Grosso, e armou o acampamento a 10 quilômetros da aldeia. A expedição ainda prossegue e na ocasião em que a matéria foi redigida o contato não tinha sido conseguido.



Saberá o índio como enfrentar uma nova vida?

O dialogo impossivel de dois mundos diferentes

Nas conversas do índio com o branco, as diferenças se manifestam não apenas no sentido que cada um dá às palavras. Mais que isso, a fala do índio é carregada de uma tonalidade especial que por si só é suficiente para dificultar o dialogo. Não que isso implique numa má pronúncia dos portugueses ou seja devido a um sotaque da língua nativa. Trata-se antes de um falar carregado de sonoridade diferente, de um certo ritmo na articulação das sílabas que torna suas frases inconfundíveis. O significado, o sentido, o quer-dizer das palavras depende da cultura; a voz expressa o caráter. O índio fala baixo, devagar, suavemente, como considerando expressivamente as palavras. Quando irritado se cala, não grita.

E o índio fala exageradamente. Os mínimos acontecimentos de sua vida são relatados com todos os detalhes, as minúcias são objeto de longas explicações. O interesse é que essa gente passa junta a maior parte do dia, mora na mesma casa, faz exatamente as mesmas coisas e conhece as mesmas pessoas. Ainda assim ela encontra assunto para intermináveis palestras.

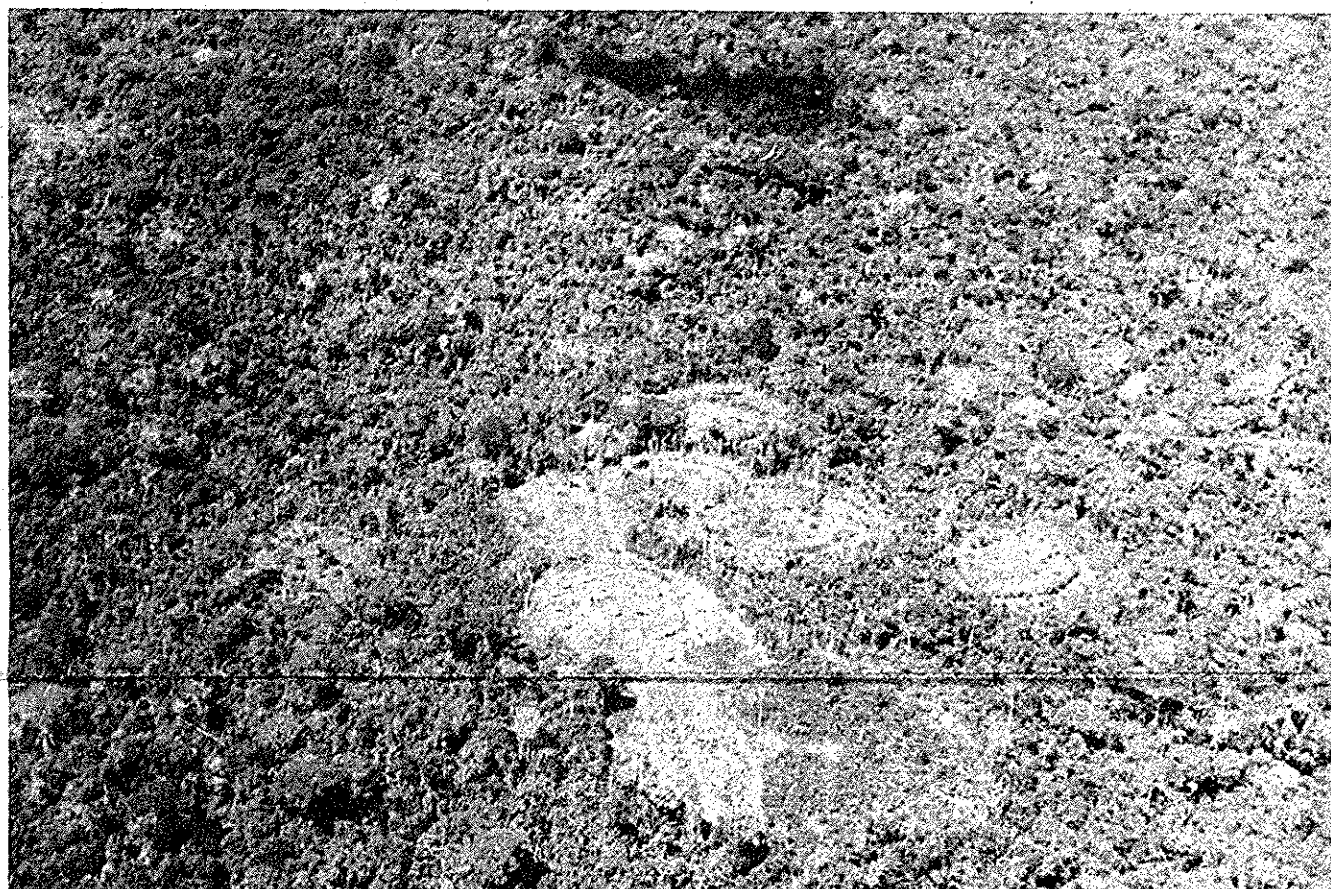
O índio tem um verdadeiro prazer em conversar. E para ele uma prática natural e um hábito tão arraigado na sua personalidade que ele chega inclusive a suspeitar das pessoas fechadas, introvertidas. A inexistência de barreiras psicológicas possibilita ao índio dar vazão a todos os seus pensamentos, todas as suas ideias e impressões sobre acontecimentos da vida diária. Tudo o que ele vê, sente, ouve ou faz é motivo para numerosas histórias, um sem numero de comentários sempre muito ricos em pormenores. Conversar é a fórmula que ele encontrou para se relacionar socialmente. Não se conhece nada mais civilizado.

Numa viagem o tema das conversas é a paisagem. Mesmo conduzindo a canoa, a atenção do índio é inconscientemente voltada para a mata, o rio e o céu. A menos de 20 metros é praticamente impossível um tracaçã esticar o pescoço para respirar sem ser notado. O índio é capaz de distinguir os peixes que passam, a cas-

tanheira sobressaindo-se na mata, o macaco no topo da árvore, o casal de mutum que voa assustado. E todos esses peixes, bichos, aves e arvores invariavelmente merecem um comentário e o índio se satisfaz intimamente ao vê-los e apontar aos companheiros. Pela variedade dos habitantes do Peixoto de Azevedo e suas margens, pela densa vegetação que floresce ao redor de um rio da Amazonia pode-se esperar no mínimo uma viagem muito falada. E o índio não se faz de rogado. Sua integração com o ambiente é tão grande que tudo o que ele se refere merece uma espécie de saudação, uma referência qualquer.

O fundamental da personalidade do índio é a sua completa individualidade. Não existe o menor resquício de autoridade ou relação de dependência no seio da vida tribal. O índio — é somente ele — é o responsável por seus atos. Ele não presta contas a ninguém e não há nada que o obrigue a fazê-lo, nem por parte da família, nem do grupo. Tão pouco sua sociedade dispõe de algum arremedo institucional com poderes sobre ele. Qualquer coisa que faça, mesmo determinados atos capazes de produzir na sensibilidade do branco a mais profunda repulsa e indignação, suscitam uma ponta de censura da coletividade. Seu trabalho é voluntário, sua vontade é soberana e sua liberdade é total. Ele pode abandonar a expedição e retornar à aldeia a hora que bem entender. Não existe um compromisso formal que o impeça de fazer isso. Sentimentos como coragem, altruísmo, honestidade, respeito, honra, heroísmo, auto-sacrifício não ocupam lugar na mente do índio — pelo menos nos termos que o branco. O índio não é capaz de compreender os valores do civilizado e na verdade nunca se preocupou com eles. O índio vive num estado de equilíbrio emocional que suas ações são incapazes de gerar conflitos psicológicos. Esta é a primeira coisa que todo indianista aprende, mas poucos chegam a admitir.

A velhice do índio — homem ou mulher — de forma alguma representa um onus para o grupo ou mesmo para os parentes. Até o fim da vida o velho preserva sua individualidade e sua capacidade de so-



A aldeia dos crem-arcore no meio da selva — uma cena privilegiada que aos poucos o Brasil vai perdendo.

breviência. É incompreensível para o índio uma pessoa viver na dependência de outra. Ele morre como sempre viveu: com o grupo, mas sozinho.

O tempo também não é sinônimo de autoridade pessoal. A idade não interfere no relacionamento dos componentes da tribo e o velho e o garoto se comunicam sem preconceitos. Na realidade ambos dividem o mesmo conhecimento e são portadores de qualidades idênticas. Por volta dos 13 e 14 anos o jovem tem completada sua educação religiosa, sabe decor toda a história da tribo e é capaz de fazer as mesmas coisas que o pai e o avô fazem, repetindo um modelo iniciado há centenas de anos. O índio atingiu um tal grau de equilíbrio com a natureza que teve atrofiado o seu senso de investigação e pesquisa. O índio, enquanto índio, não almeja um progresso material — e nem tem motivos para tanto. O motivo aparece quando surge o civilizado e seus presentes, lançando a semente de necessidades irreversíveis.

No essencial a comunicação do índio com o branco é inatingível. A diversidade de valores impossibilita qualquer forma de identificação. O encontro de um com o outro não ultrapassa o estágio de acomodação mútua. Após anos de convívio é possível saber, ainda assim em parte, como o índio age frente a determinadas situações, como reage a certos fatos. É possível saber o significado de suas festas religiosas, o simbolismo de suas danças, a alegoria dos vestimentos. Mas no íntimo o dialogo dos dois é irrealizável. Ambos se aturam, convivem lado a lado, mas habitam mundos inconciliáveis. A integração é uma farsa que para ser realizada exige a aniquilação de um dos lados — o mais fraco. O índio integrado é, na melhor das hipóteses, um caboclo frustrado, sofrido, marginal. Os Villas Boas sabem disso — lutam por causa perdida. Mas não há remédio. Se a sorte ajudar, se houver homens responsáveis no sertão brasileiro, talvez no futuro os filhos dos crem-arcore sejam bons colonos. É só.

Os aviões e os mosquitos

Há duas maneiras de se chegar até o local da expedição. A primeira é alugar um taxi-aéreo em Culabá e, com permissão do 9º BEC, descer no campo consulado nas margens do Peixoto de Azevedo. Daí é esperar um barco para descer os 70 quilômetros do rio, numa viagem que se tudo correr bem pode ser feita em 12 horas. A outra é conseguir um lugar no Correio Aéreo Nacional, que toda semana tem uma linha para Manaus, com escala na serra do Cachimbo. Em seguida é ir de teco teco até o acampamento no Peixoto de Azevedo e pegar o barco.

A bagagem essencial é rede, cobertor, prato, colher e copo. Armas — fuzil ou revólver e facão — ficam a encargo da pessoa. O uso de botas e camisa de mangas compridas é quase obrigatório por causa das cobras e dos mosquitos. Nesta época do ano o clima é muito seco, faz calor durante o dia, mas de madrugada a temperatura cai. A preocupação com a saúde é uma constante entre os componentes da expedição. Um índio na rede depois que o dia amanhece já faz o diagnóstico:

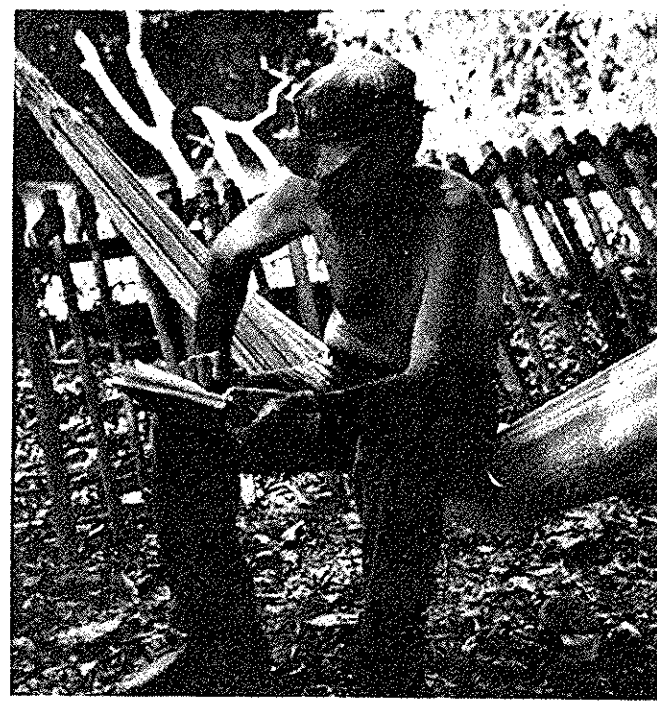
malaria. A doença é endêmica na região e o uso de medicamentos preventivos não exclui a molestia, apenas impede que ela se manifeste de forma grave. Esta preocupação é manifestada nas cartas e ninguém envia notícias sem antes frisar seu estado de saúde.

Os índios executam todos os trabalhos da expedição. São eles que remam os barcos, pescam, fazem a comida, limpam o acampamento. Se precisar, também ajudam o civilizado a armar a rede e a fazer o jirau — pequena mesa feita de galhos de árvore para colocar a bagagem.

A vida na expedição possui suas normas. É proibido andar sozinho no mato ou caçar em volta do acampamento — os tiros poderia assustar os crem-arcore. Também sempre que alguém se afasta para fazer necessidades, é costume sair com arma para evitar o perigo de alguma fera. A noite a maioria dorme com lanterna ao lado da rede e ninguém fica de vigia. Os crem-arcore não ousariam atacar: no sertão, 28 índios armados e unidos enfrentariam um batalhão.



O índio é imprescindível na expedição. Ele ajuda em tudo: pesca, limpa o acampamento e prepara a comida



Claudio Villas Boas e os machados — a técnica da atração